

QUANDO TUDO COMEÇOU

Caro professor, neste período teremos o privilégio de estudar o Evangelho de Mateus. O título deste editorial demonstra minha convicção de que no primeiro livro do Novo Testamento encontramos o início de uma série de eventos da história da salvação de Deus.

Em Mateus, podemos ver o início do movimento que dará origem, pouco tempo depois, à igreja. Então, cada uma de nossas igrejas, espalhadas por este planeta, tem sua origem histórica no grupo fundado por Jesus nas primeiras décadas do primeiro século.

Em Mateus, podemos perceber a inauguração do reino de Deus. Aquilo que o Antigo Testamento profetizou, Jesus veio inaugurar. Com sua morte, aquilo que todos os santos de Deus do antigo pacto ansiavam se tornou realidade. Com Jesus, o reino passou a estar no meio de nós. É verdade que ele ainda não se consumaria na sua vida terrena. Ainda seriam necessárias sua morte, ressurreição, ascensão e vinda gloriosa. Mas todo o Novo Testamento testemunhará que ele já é realidade.

Recomendo que cada professor aproveite este período para destacar a presença do reino e da igreja, em sua forma embrionária, na vida e ministério de Jesus. Neste caso, será necessário recorrer, de tempos em tempos, aos Evangelhos de Marcos, Lucas e João. Pode ser trabalhoso para o docente, mas, certamente, o resultado será maravilhoso.

Não precisaria nem dizer, mas não custa insistir, que aquele que ensinará o Evangelho de Mateus deveria lê-lo integralmente antes de começar o período. Essa visão geral o ajudará na condução do estudo das partes, posteriormente.

De qualquer forma, que tudo resulte no engrandecimento do reino que Cristo veio trazer.

Um bom período de estudo.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

ISSN 1984-8382

Literatura Batista
Ano CXV – Nº 458

Atitude professor é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2

1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

conviccao@conviccaoeditora.com.br

//SUMÁRIO

Para começar	1
Pauta musical.....	3
Recursos bíblico-teológicos	4
Tema da EBD.....	7
Lição 1 – O nascimento de Jesus.....	10
Lição 2 – O ministério de Jesus	13
Lição 3 – Os ensinamentos de Jesus	16
Lição 4 – Os sinais operados por Jesus.....	19
Lição 5 – Jesus comissiona os seus discípulos.....	22
Lição 6 – Jesus anuncia o reino dos céus por parábolas	25
Lição 7 – A graça maravilhosa de Jesus.....	28
Lição 8 – A revelação do Senhor Jesus	31
Lição 9 – A igreja de Jesus.....	34
Lição 10 – A ética do reino de Deus	37
Lição 11 – Jesus e as Escrituras Sagradas	40
Lição 12 – A vinda do Senhor Jesus.....	43
Lição 13 – A morte, ressurreição e comissionamento de Jesus.....	46

SAUDAI O NOME DE JESUS

1. Sau-dai o no-me de Je-sus. Ar-can-jos, vos pros-trai. O
 2. Ô es-co-lhi-da ge-ra-ção do bom, e-ter-no Pai, o
 3. Ô per-do-a-dos por Je-sus, a-le-gres a-do-rai. O
 4. Ô tri-bos, ra-ças e na-ções, ao Rei di-vi-no hon-rai. A

Fi-lho do glo-rio-so Deus, com gló-ria co-ro-ai. O
 gran-de au-tor da sal-va-ção, com gló-ria co-ro-ai. O
 Deus de paz, o Deus de luz, com gló-ria co-ro-ai. O
 quem que-brou os vis gri-lhões, com gló-ria co-ro-ai. A

Fi-lho do glo-rio-so Deus, com gló-ria co-ro-ai.
 gran-de au-tor da sal-va-ção, com gló-ria co-ro-ai.
 Deus de paz, o Deus de luz, com gló-ria co-ro-ai.
 quem que-brou os vis gri-lhões, com gló-ria co-ro-ai.

HCC, nº 52

LETRA: Edward Perronet, estrofes 1 a 3, 1779

John Rippon, estrofe 4, 1787

Port. Justus Henry Nelson, 1890

MÚSICA: Oliver Holden, 1792

CORONATION

8.6.8.6.

com repetição

ALGUNS ABISMOS DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

VALTAIR A. MIRANDA
RIO DE JANEIRO, RJ

Existem algumas dificuldades que nós precisamos vencer para compreender os textos bíblicos de uma forma aproximada à dos leitores originais. Essas dificuldades mais se parecem com abismos que, mesmo amedrontadores, podem ser transpostos com algum esforço e algum tipo de ferramenta.

O ABISMO DA TERCEIRA PESSOA

Nos discursos humanos, a primeira pessoa é a pessoa que fala, a segunda é a que ouve e a terceira é aquela que está fora do discurso. A terceira pessoa não participa diretamente do diálogo. Tomando uma carta – de um namorado para a amada – como exemplo, a primeira pessoa do discurso é o namorado, a segunda pessoa é a namorada e a terceira pessoa pode ser o pai da namorada que toma a carta para ler e ver se os dois estão se comportando. Aplicando esta linguagem aos textos bíblicos, observamos que eles não foram escritos diretamente para nós. A primeira pessoa do discurso é o autor do livro, a segunda pessoa é o destinatário do livro e nós somos a terceira pessoa.

Atente para as parábolas de Jesus. Ele as contou para seus discípulos, para os escribas, para os fariseus e até para a multidão que o cercava.

Existem algumas dificuldades que nós precisamos vencer para que venhamos a compreender os textos bíblicos da mesma forma que os seus leitores originais.

Posteriormente, os evangelistas registraram as parábolas visando aos nossos irmãos das primeiras comunidades cristãs. Eles foram os destinatários imediatos dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Em alguns momentos, diante de uma obra bíblica (como Filemom, por exemplo), você não se sente lendo a correspondência alheia? É como ouvir a conversa do outro. Possivelmente, haverá algo que nos escapará por não estarmos envolvidos diretamente no diálogo.

O ABISMO CRONOLÓGICO

Estamos dois mil anos distantes dos dias em que caminhava Jesus pelas es-

tradas empoeiradas da Palestina. Uma série de acontecimentos históricos nos separa do mundo da Bíblia. Para você perceber a importância de se envolver com a história em torno da Bíblia, tente responder as perguntas abaixo:

- Qual era o império mundial na época de Paulo e como esse governo tratava os cristãos?
- Quantos anos separam o livro de Malaquias do aparecimento de Jesus Cristo?
- Daniel participava de quais impérios quando recebeu suas visões celestiais?
- Por que os samaritanos eram tão odiados pelos judeus da época de Jesus?

Apesar de importantes para compreender o que o escritor bíblico escreveu, muitas informações históricas como estas nos escapam. Precisamos de esforço consciente para colecionar os principais fatos da história de Israel e dos povos vizinhos. Certamente, as palavras dos autores bíblicos ficarão muito mais claras. Estamos dois mil anos distantes dos dias em que caminhava Jesus pelas estradas empoeiradas da Palestina. Uma série de acontecimentos históricos nos separa do mundo da Bíblia.

O ABISMO GEOGRÁFICO

Os eventos aconteceram a milhares de quilômetros de onde nós moramos. Quando Jesus fala de um homem que ia de Jerusalém para Jericó, nossa ima-

ginação bem brasileira pode visualizar um personagem caminhando por uma rodovia larga e espaçosa, como as que encontramos entre nossas cidades, em vez de imaginá-lo trilhando com dificuldade uma estrada estreita, empoeirada, inclinada e cheia de curvas.

Precisamos conhecer aquelas paisagens (mesmo por livros ou fotografias) para não cometer esse erro. Com o número de atlas e mapas publicados em português, isso agora não é grande dificuldade.

O ABISMO LINGUÍSTICO

Existe uma enorme lacuna entre a nossa forma de falar e escrever e a dos povos bíblicos. Os idiomas em que a Bíblia foi escrita – hebraico, aramaico e grego – têm características estranhas à nossa língua:

- No hebraico e no aramaico dos manuscritos do Antigo Testamento só havia consoantes. As vogais estavam subentendidas e, portanto, não eram escritas;
- Tanto o hebraico quanto o aramaico são lidos da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita;
- Não havia separação alguma entre as palavras. Todas as palavras eram escritas juntas, sem qualquer espaço, parágrafo ou pontuação entre elas. As palavras escritas nestas três línguas bíblicas emendavam-se umas às ou-

tras. Era algo mais ou menos assim: NOPRINCÍPIOERAOVERBOE OVERBOESTAVACOMDEUSEOVERBOERADEUS”. Você conseguiu ver João 1.1 nesta frase?

- As línguas bíblicas originais contêm expressões incomuns ou de sentido obscuro, difíceis de compreender em nosso idioma;
- Certas palavras só aparecem uma vez na Bíblia inteira, tornando impossível qualquer comparação com seu uso em outro contexto.

O ABISMO CULTURAL

Existem diferenças culturais enormes entre um brasileiro e um oriental. Você já reparou nas roupas de um palestino? Assim, pode ficar difícil imaginar a surpresa da plateia de Jesus quando um samaritano é apontado como o próximo do judeu machucado.

Levando à frente uma parábola como exemplo, perceba como alguns apontamentos contextuais ajudam-nos a compreendê-las melhor. Lembre-se que as parábolas eram respostas de Jesus a perguntas que os seus ouvintes faziam. Isso nos leva à necessidade de descobrir que perguntas eram essas. O propósito de Jesus com cada uma delas era evocar uma reação do ouvinte, mudar seus padrões de comportamento e suas atitudes.

As parábolas ensinavam como agir. Por isso, nossa tarefa é “escutar” as parábolas, tentando entender como os ouvintes de Jesus as teriam entendido, e determinar como eles teriam reagido à história. Isso é muito difícil sem alguma espécie de contextualização histórica.

Uma de nossas primeiras tarefas é identificar o auditório original de cada parábola. Para quem Jesus narrou a história? Foi para os escribas, os discípulos, a multidão ou os fariseus? Seu público pode ser um adversário ou um aluno. Isso gera uma grande diferença na interpretação da parábola. A lição mudará radicalmente se interpretarmos uma parábola dirigida aos fariseus como se ela fosse para os discípulos.

Você se lembra como Jesus iniciava suas mensagens logo no início do seu ministério? – “*Arrependei-vos porque é chegado o reino de Deus*”. Ensinar sobre o reino de Deus foi uma das tarefas vitais da vida de Jesus. Suas parábolas não fugiram a essa regra. Quase todas elas estão relacionadas diretamente com algum aspecto do reino de Deus. Elas falam sobre a realidade já presente do reino entre as pessoas, a misericórdia do Deus do reino, a certeza da vitória do reino, o crescimento do reino, a condenação final daqueles que ficarem de fora do reino e o estilo de vida que Deus deseja dos súditos do reino.

O CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO DE MATEUS

VALTAIR A. MIRANDA
RIO DE JANEIRO, RJ

Uma boa introdução ao Evangelho de Mateus é imprescindível para sua real compreensão. Não se pode compreender o primeiro Evangelho sem entender o processo do seu surgimento.

A COMUNIDADE

Este Evangelho foi escrito em uma comunidade e para uma comunidade. Para entender essa questão precisa-se lembrar como se originaram os Evangelhos. Nos anos 28-30, Cristo pregou sua mensagem; seus discípulos, em comunidades diferentes, continuam proclamando e aplicando às novas realidades a mensagem e a vida de Jesus; quatro evangelistas reúnem materiais já conhecidos para compor, para suas comunidades, os Evangelhos.

Isso significa que foi por causa das necessidades de cada comunidade que se originaram os Evangelhos, e em especial, Mateus. A vida da comunidade, com seus problemas, suas dúvidas, suas preocupações, seus anseios, seus medos,

suas experiências levou o evangelista a repensar os ditos e feitos de Jesus e interpretá-los e aplicá-los.

Qual e como era a comunidade que deu origem a Mateus? Aparentemente, era uma igreja judaico-cristã, formada de convertidos do judaísmo. Seu berço geográfico foi Jerusalém (a primeira comunidade). Suas características eram uma ligação mais forte com as instituições judaicas, como o templo, o sábado, a lei e as sinagogas.

Possivelmente, a comunidade de Mateus, originária de Jerusalém, migrou para o norte da Palestina (ou Síria Meridional).

Na época da redação final do Evangelho já formavam uma igreja com certa organização. No entanto, precisavam tomar uma posição definitiva diante do judaísmo oficial do qual tinham saído. À pergunta se deveriam separar-se radicalmente ou dar alguma continuidade, o Evangelho de Mateus responde com um mais ou menos. O Evangelho mostra

que Jesus deu continuidade à história de Israel, mas uma continuidade diferente, em que Israel não era mais o centro do reino de Deus e, sim, o próprio Jesus.

Mesmo após convertidos, esses judeus continuavam a praticar os rituais do Antigo Testamento. Iam normalmente ao templo, guardavam o sábado e liam as Escrituras nas sinagogas judias. No entanto, com o passar do tempo, os judeus foram considerando-os cada vez mais como sectários e heréticos, exigindo deles um posicionamento frente à lei que seguiam. Mateus vem dar resposta a essa crise. Para ele, Jesus se tornou cumprimento completo da lei cerimonial, que não precisava mais ser cumprida. A lei moral era a única que Cristo obrigava-os a seguir (conferir o Sermão do Monte).

A comunidade onde o autor de Mateus está inserido é uma comunidade de oposição. Oposição aos judeus do seu tempo, com os quais mantém intensa polêmica. Talvez eles estivessem tentados a retornar às observâncias judaicas e legalistas, daí a intensa luta do autor para opor Jesus à interpretação tradicional da lei pelos judeus.

Nota-se, entretanto, uma mistura de raças já na base do Evangelho. Originalmente formada de judeus, aquela igreja aceitou mais tarde gentios. Essa comunidade mista chamava a si mesmo de

igreja de Deus. É notável que Mateus é o único Evangelho a usar a palavra “igreja”.

Havia alguns problemas internos nessa igreja que podem ser notados numa primeira leitura. Um desses era o conflito entre pessoas ricas e pobres. O Evangelho de Mateus é muito mais delicado ao tratar do assunto, quando comparado com Lucas (comparar com Lucas 6.20-25; 12.13-21; 16.19-25).

Outros problemas internos da comunidade de Mateus saltam aos olhos. O primeiro é que a perseverança estava em risco. Converter-se à fé deixou de ser o alvo maior, permanecer na fé se tornou uma grande necessidade. Os falsos profetas constituíam o segundo problema da comunidade.

CANONICIDADE

Apesar de alguns autores serem bastante otimistas com relação ao processo canônico de Mateus, outros veem essa parte da sua história envolta em mistério. Muito pouco se sabe sobre quando Mateus se tornou conhecido em todas as igrejas. Pode-se estabelecer, quando muito, limites, usando as citações dos Pais da Igreja em suas obras.

O que rapidamente aconteceu foi a formação de coleções. Os textos eram copiados e enviados para outras comunidades. Os Evangelhos surgidos de diferentes lugares foram logo juntados em

uma coleção passando a receber uma “ampla divulgação na igreja”. Esses documentos passaram a ser lidos nas igrejas lado a lado com o Antigo Testamento, sendo considerados, pouco a pouco, como Escritura Sagrada. Os Evangelhos formavam, ao lado das epístolas de Paulo, o núcleo de um rudimentar cânon neotestamentário.

Mateus deve ter circulado separadamente a princípio, e em torno do ano 150-160 passou a circular reunido numa coleção com os outros Evangelhos.

TEMAS TEOLÓGICOS

Como Mateus é bem sistemático, uma simples leitura faz emergir seus temas teológicos principais. Jesus Cristo, como o Messias profetizado no Antigo Testamento é o principal desses temas. As citações da Escritura, bem como a maior parte da argumentação de Mateus é no sentido de provar que Jesus era mesmo o Messias esperado pelos judeus. Apesar disso, ele apresenta uma baixa cristologia quando comparado com João, por exemplo. Mateus está tão interessado no Jesus Filho de Deus quanto no Jesus de Nazaré. Sendo assim, ele começa seu Evangelho demonstrando que o carpinteiro da Galileia era descendente de Abraão e de Davi. Termos como mestre, profeta, senhor, Filho de Davi, Cristo, Filho do homem deixam

transparecer qual era a visão de Mateus do Senhor Jesus.

O reino do céu é um outro tema teológico essencial para nosso evangelista. O termo *basileia* aparece cerca de 20 vezes nos 28 capítulos do Evangelho de Mateus. Jesus veio inaugurar esse reino, que representa o governo soberano de Deus. A inauguração desse reino é basicamente as boas-novas de Mateus, seu Evangelho. Ao contrário das várias correntes do judaísmo do primeiro século, Mateus não acreditava que o reino seria inaugurado pela força, ou por uma jogada política, mas pela pregação paulatina e crescente do evangelho.

Reino e igreja quase se misturam no Evangelho de Mateus. Isso não acontece porque Mateus é o evangelho por excelência da igreja. A igreja, para Mateus, se tornou o Israel de Deus, assumindo no seu corpo todas as alianças feitas anteriormente com Israel, inclusive, sua Escritura.

VOCABULÁRIO E TEXTO

Mateus escreveu em grego, como acredita a maioria dos eruditos, apesar de possivelmente ter usado fontes em aramaico (orais ou escritas). O autor deste Evangelho tem um jeito todo característico de escrever. Ele deveria ser uma pessoa culta, com sólido conhecimento da língua grega e um vocabulário bem vasto.

LIÇÃO

1

TEXTO BÍBLICO

MATEUS 1; 2

TEXTO ÁUREO

MATEUS 2.1,2

O NASCIMENTO DE JESUS

I – O PREPARO

OBJETIVOS

- Compreender como Deus dirige a história de maneira surpreendente.
- Aprender a confiar nesse Deus maravilhoso, deixando-o cuidar da nossa vida.
- Adorar a Deus, porque nos deu Jesus, o nosso Salvador.

RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

- Quadro-negro, papel e caneta. Procurar escrever no quadro-negro em le-

tras de forma e num tamanho de letra razoável para que todos os alunos possam visualizar o que o professor quer transmitir à classe.

- Papel ofício ou papel A4. Não esquecer de levar as canetas, porque nem sempre os alunos as levam para a EBD.

METODOLOGIA

Exposição oral feita pelo professor. Ficar o mais próximo possível da turma para transmitir a aula. A proximidade dos alunos entre si também é importante. Caso eles se sentem um ao lado do outro, poderão compartilhar opiniões e ideias.

II - A AULA

1. **Oração.** Levando em conta que a aula tem, em média, 1 hora de duração, o professor deve iniciar com um momento de oração. Começar precisamente no horário. Pedir a dois jovens para orar.

2. **Aquecimento.** Planejar antecipadamente esse momento. Escolher um ou dois versículos bíblicos no capítulo 1 de Mateus, escrevê-los no quadro ou folha de cartolina branca, com letras grandes. Quando estiver escrevendo, omitir algumas palavras e deixar espaço para que os alunos completem o versículo. Por exemplo: “Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do _____ pelo profeta: Eis que a _____ conceberá e dará à luz um _____, o qual será chamado _____, que traduzido é: _____”

(Mt 1.22,23). Explicar o que se fez e pedir para que descubram os versículos montando o quebra-cabeça. O professor não deve colocar a referência bíblica, e nem permitir que os alunos utilizem a Bíblia no momento desse aquecimento; somente depois da dinâmica eles podem verificar se acertaram.

3. Ler a passagem bíblica de Mateus 1 e 2 com os alunos. Pedir para que ca-

da um leia um versículo e destacar as diferenças entre as versões bíblicas que existirem na sala. Pedir que eles apon-tem as diferenças à medida que elas forem aparecendo. A partir da lição do aluno, o professor fará uma análise do início do texto sobre a genealogia de Jesus.

4. Logo depois o professor irá dividir a turma em dois ou três grupos. Pedir que os grupos, em separado, façam uma análise do texto lido a partir de 1.18 até 2.23. O professor poderá decidir a forma mais eficiente de dividir. Cada grupo receberá uma folha de papel e anotará as aplicações e conclusões que retiraram do texto proposto. Logo depois, eles discutirão em classe essas aplicações e conclusões.

5. Expor os tópicos da lição enfatizando os pontos principais de cada grupo. Usar o quadro-negro. Pedir a participação dos alunos usando suas Bíblias durante a exposição dos tópicos. Assim, eles poderão ler em suas versões cada versículo destacado na lição:

- O nascimento de Jesus é o cumprimento das alianças que Deus fez com Davi, com Abraão e o estabelecimento da nova aliança, a fim de levar a efeito o plano da redenção (Mt 1.1-17);
- O nascimento de Jesus cumpre com os propósitos de Deus em enviar o seu

próprio Filho para salvar o seu povo dos seus pecados (Mt 1.18-25);

- O nascimento de Jesus é um marco na história, causando medo em alguns, mas alegria em outros e a devida compreensão de que ele é digno de ser adorado (Mt 2.1-12);
- O nascimento de Jesus leva a efeito as intervenções de Deus, mesmo permitindo o mal menor, a fim de que os seus propósitos sejam estabelecidos (Mt 2.13-18).

6. Encerrar com agradecimentos e oração. Agradecer aos visitantes e alunos pela participação na aula. Incentivar o estudo das lições durante a semana. Pedir para que anotem suas dúvidas para que possam discuti-las, se possível, no próximo domingo.

III – INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Mateus 1 – A genealogia de Jesus: de Abraão até Jesus. Esta genealogia é diferente, mas não contradiz a genealogia de Lucas 3. Mateus destaca a posição de Jesus em relação aos hebreus, enquanto Lucas começa com Adão e mostra o relacionamento de Jesus com todos os homens. Uma explicação comum e provável é que Mateus traçou a linha através do pai (José) e que Lucas seguiu a linha de descendência da mãe (Ma-

ria). Mateus apresentou o lado legal e Lucas o aspecto biológico da linhagem de Jesus. Vale a pena ressaltar que esta genealogia inclui cinco mulheres: Tamar (que fingiu ser prostituta e concebeu gêmeos do próprio sogro); Raabe (a prostituta poupada na destruição de Jericó); Rute (viúva moabita que casou com Boaz); Bate-Seba (não chamada por nome, mas era a mulher de Urias que cometeu adultério com Davi) e Maria (virgem que concebeu pelo Espírito Santo). Cada personagem mencionado mostra acontecimentos de experiência com Deus.

Mateus 2 – Jesus nasceu em Belém, ao sul de Jerusalém, nos dias do rei Herodes, o Grande, que reinou de 37 a 4 a.C. e foi conhecido por sua crueldade, além de sua engenhosidade e competência na política portuária e engenharia em geral. A ideia de um futuro rei nascer no território dele o deixou apavorado. Vieram sábios do Oriente. Quando Herodes ouviu falar de outro rei, ele ficou perturbado e começou procurar uma maneira de eliminar esta “ameaça” ao seu poder. Os sacerdotes e escribas ajudaram os sábios, citando a profecia de Miqueias 5.2 sobre o nascimento do Cristo em Belém.

LIÇÃO

2

O MINISTÉRIO DE JESUS

TEXTO BÍBLICO**MATEUS 3; 4****TEXTO ÁUREO****MATEUS 3.16,17****I – O PREPARO****OBJETIVOS**

- Entender o significado do batismo.
- Sentir a necessidade de cumprir as ordenanças do batismo e da ceia do Senhor.
- Aprender com Jesus a respeitar as autoridades estabelecidas, como ele fez com João, o Batista.
- Crer que a Palavra de Deus é viva e pode nos ajudar nos momentos de tentação.

RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

- Quadro-negro e giz;

- Providenciar pedaços de papel e canetas ou lápis para a atividade de aquecimento: dobrar uma folha de A4 ou ofício em quatro partes e cortar.

TÉCNICA DE ESTUDO

Explosão de ideias.

II – A AULA

1. **Oração.** Iniciar a aula com oração. Procurar transformar estes instantes iniciais em agradáveis e aconchegantes períodos de compartilhamento mútuo. Levar os alunos a se abrirem para o grupo ao expor pedidos de oração e motivos de louvor. Fazer grupos pequenos, em duplas, para a oração.

2. **Aquecimento.** Distribuir os papéis e os lápis aos alunos e pedir que escrevam o que entenderam do texto de Mateus 3.14: “Mas João o impedia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” Oferecer algumas indagações como, por exemplo, por que Jesus precisou ser batizado? João tinha razão em tentar impedir Jesus? O que Jesus queria nos ensinar com o fato? Pedir aos alunos que não coloquem o nome. Depois de um tempo estipulado (mais ou menos cinco minutos), recolher os papéis dobrados em um recipiente e redistribuir. Cada um lerá o que o outro escreveu. O professor deverá ao final deste momento fazer um resumo da opinião geral.

3. Logo depois do aquecimento, ler com os alunos o texto bíblico proposto. Como são textos curtos, essa leitura poderá ser feita em voz alta. Os alunos precisam ser incentivados pelo professor a lerem suas Bíblias durante a semana. Eles devem aproveitar este período para ler todo o livro de Mateus e, talvez, quem sabe, os outros três Evangelhos do Novo Testamento.

4. Escrever no quadro-negro as seguintes palavras, escrevendo uma frase de cada vez:

- **TENTAÇÃO FÍSICA: O PÃO**
- **TENTAÇÃO MORAL: A FAMA**
- **TENTAÇÃO ESPIRITUAL: O PODER**

5. Pedir aos alunos que digam a primeira coisa que lhes vier à cabeça quando veem estas expressões. Escrever o que eles vierem a dizer. Analisar cada tentação em separado e depois em conjunto.

6. Argumentar o que segue abaixo, após a explosão de ideias:

- **Tentação física – o pão:** Com a transformação das pedras em pães (Mt 4.1-4), Jesus foi tentado no sentido de usar seu poder para sobrepujar sua condição humana. Satanás foi direto em vários aspectos, mas, principalmente, na questão do uso do poder. Se Jesus cásse mostraria que, como líder espiritual e pastor das ovelhas, ele não teria condições de ser um exemplo humano para nós, pois quando teve fome, não passou por ela, mas usou seu poder divino para livrar-se da situação. Um líder assim não tem qualquer autoridade diante de seus liderados.

- **Tentação moral – a fama:** Com o argumento de que, se Jesus fosse mesmo o Filho de Deus, deveria jogar-se do alto do templo para que os anjos o amparassem (Mt 4.5-7), Satanás ten-

ta Jesus novamente. Mencionando as Escrituras, ele diz que os anjos estão submissos à autoridade espiritual de Jesus. Se ele se jogar e der ordens aos anjos, certamente será obedecido. Este segundo questionamento atingiu a autoridade espiritual de Jesus. Assim, ele tenta fazer Jesus usar de sua autoridade espiritual para atender uma causa em proveito próprio. É por isso que a resposta de Jesus foi que não se deve colocar Deus à prova. Usar a autoridade espiritual concedida pelo Senhor para uma causa em proveito próprio é pecado, é tentar Deus.

- **Tentação espiritual – o poder:** Satanás mostra para Jesus o resplendor dos reinos da terra e oferece tudo aquilo a ele. A soberania do Senhor é sobre tudo e sobre todos, mas não podemos esquecer que este mundo jaz no maligno (1Jo 5.19). Satanás ofereceu para Jesus os reinos deste mundo. Consideramos esta tentação, de todas as outras, a mais terrível. Ele tentou Jesus na sua divindade. Jesus não precisaria enfrentar a morte na cruz, porque ele teria a humanidade toda para si. Por isso, Jesus deu a seguinte resposta ao seu adversário: “Vai-te, Satanás; porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás” (Mt 4.10).

7. Se for uma turma grande, dividir em grupos, em que cada grupo fica com

um tópico da lição e o discute entre si. No final de um tempo pré-estabelecido pelo professor, os grupos se reúnem em um só grande grupo novamente para verbalizar o que aprenderam. Se for uma turma pequena, o professor estudará com eles cada tópico, estimulando a participação de todos na discussão.

- O ministério de Jesus é qualificado pela vinda de um precursor que prepara o caminho e estabelece as expectativas para a força principal, o Messias (Mt 3.1-12);

- O ministério de Jesus é qualificado por humilhar-se em ser plenamente homem, representando o pecador arrependido e sendo declarado pelo Pai o Deus Filho (Mt 3.13-17);

- O ministério de Jesus é qualificado por sua sujeição ao Espírito Santo que o conduz à tentação, precedido pela consagração a Deus para confirmação do seu chamado (Mt 4.1-11);

- O ministério de Jesus é qualificado pela visão do campo missionário e pelo chamado de homens a serem treinados para a obra de Deus (Mt 4.12-22).

8. Encerrar com agradecimentos e oração por um dos alunos. Agradecer aos visitantes e alunos pela participação.